

A Caça à Média de Medicina: análise à cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior entre 2017 e 2020

Pedro Miguel Oliveira

Universidade do Porto

xpedroxoliveirax@gmail.com

Fernando Zamith

Universidade do Porto

fzamith@letras.up.pt

Resumo

As colocações do ingresso ao Ensino Superior representam um dos principais eventos do Jornalismo de educação. Em 2020, surgiu nas redes sociais algum protesto por parte dos alunos de Medicina portugueses, relativamente à maneira como o curso de Medicina era representado na cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior. Dessa manifestação digital, surge uma reflexão relativa ao impacto que a cobertura jornalística pode ter na sociedade, contribuindo para a degradação da perspetiva social da já exposta profissão médica. O artigo analisa a cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior entre 2017 e 2020, na tentativa de, a par das insinuações feitas pelos estudantes de Medicina, procurar uma inclinação do Jornalismo para “caçar” a média de Medicina – através de um enfoque desmedido e enquadramentos negativos que representam uma Medicina em declínio e a “perder para as Engenharias”. O artigo argumenta a importância do *framing*, contrapondo-a com a necessidade jornalística de estabelecer comparações para tornar a informação mais perceptível – refletindo sobre o dever de o jornalista tentar medir e compreender o impacto dos enquadramentos noticiosos que produz.

Palavras-chave: Jornalismo, Ensino, Ensino Superior, Medicina, Enquadramento.

The Hunt for Med School’s GPA: an analysis of the news coverage on applications to higher education between 2017 and 2020

Abstract

The admissions to Higher Education are one of the main events of education journalism. In 2020, there was a protest on social media by Portuguese medical students regarding the way

Med School was represented in the journalistic coverage of admissions to Higher Education. From this digital manifestation arises a reflection on the impact that news coverage can have on society, contributing to the degradation of the social perspective of the already exposed medical profession. The article analyzes news coverage of admissions to Higher Education between 2017 and 2020, as an attempt to find a tendency from journalism, as the students argue, to "hunt" Med School's GPA – through an excessive focus and negative framings that represent Medicine as declining and "losing to Engineering". The article argues the importance of framing, opposing it to the journalistic need to make comparisons, so that information is more understandable – reflecting on the journalist's duty to measure and understand the impact of the framing he produces.

Keywords: Journalism, Education, Higher Education, Medicine, Framing.

Introdução

Antes de a pandemia dominar os temas da saúde, começamos o ano de 2020 com uma polémica relativa à violência contra os médicos. Nas palavras de João Araújo Correia¹, médico internista de 61 anos, "a violência contra os médicos no exercício da sua profissão é um sintoma de uma doença. Chama-se degradação social." Nesta investigação, o conceito de degradação social pode ser extrapolado para a degradação da profissão do médico, também consequência desta dita 'doença'. O interesse público em saúde "tem aumentado nos últimos anos; há um aumento (...) no conteúdo mediático de saúde" (Marinescu & Mitu, 2016). Nos últimos anos, observou-se o surgimento de um debate acerca dos profissionais de saúde: a crise dos Enfermeiros, a falta de recursos dos Hospitais, as falhas no Serviço Nacional de Saúde (SNS), a diminuição dos rendimentos dos médicos e aumento do número de horas de trabalho, a violência, entre outros. Através de Sindicatos e Órgãos de Comunicação Social, os profissionais de saúde nunca receberam tanta atenção como atualmente. O presente estudo de caso foca-se na profissão do médico, e na forma como os *Media* retratam esta profissão, começando pela sua origem: o ingresso ao Ensino Superior.

A educação cresceu nas últimas décadas, "para se tornar uma das áreas de topo da cobertura mediática. Quase todos os jornais metropolitanos principais têm repórteres e editores dedicados à educação." (Shine, 2019). Nas candidaturas ao Ensino Superior, no final de setembro de 2020, surgiu alguma contestação nas redes sociais, principalmente no Twitter, por parte de alunos de Medicina, relativamente à cobertura jornalística feita ao seu curso no

¹ Correia, J. A. (2020, 5 janeiro) A violência contra os médicos. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/01/05/sociedade/opiniao/violencia-medicos-1899141>

ingresso ao Ensino Superior. Acusavam os jornalistas de se focarem alargadamente nos médicos, denegrindo a Medicina em nome de uma média cujo valor decresceu com os anos, e estabelecendo comparações constantes com os cursos de Engenharia, que ocupam agora o topo do *ranking* da nota do último classificado. Das contestações, surgiu a expressão “caça à média de Medicina.”



Figura 1: Tweet de @joao_monteiro00, 27 setembro 2020²

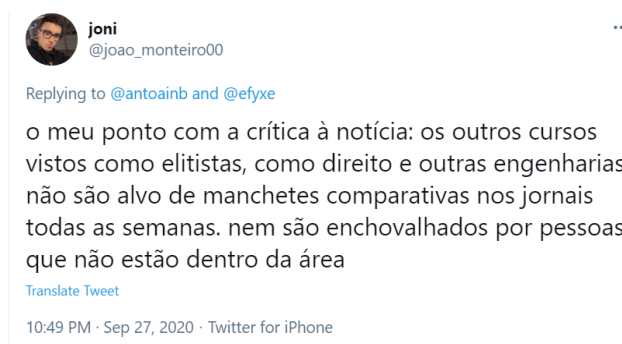


Figura 1: Tweet de @joao_monteiro00, 27 setembro 2020³

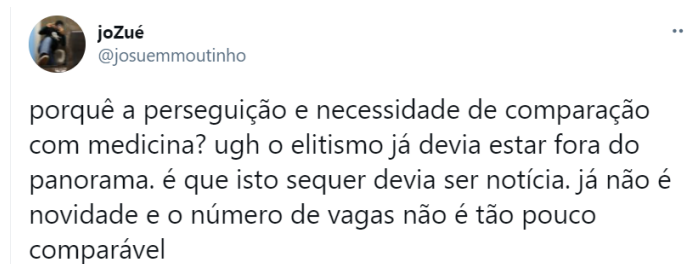


Figura 2: Tweet de @josuemmoutinho, 27 setembro 2020⁴

² Monteiro, J. [@joao_monteiro00]. (2020, 27 setembro). medicina vive rent free na mente da comunicação social... [Tweet]. Twitter. https://twitter.com/joao_monteiro00/status/1310220241537032192

³ Monteiro, J. [@joao_monteiro00]. (2020, 27 setembro). o meu ponto com a crítica à notícia... [Tweet]. Twitter. https://twitter.com/joao_monteiro00/status/1310335884529672192

⁴ joZué [@h0ezue]. (2020, 27 setembro). porquê a perseguição e necessidade de comparação com medicina? [Tweet]. Twitter. <https://twitter.com/h0ezue/status/1310260567651819520?s=20>

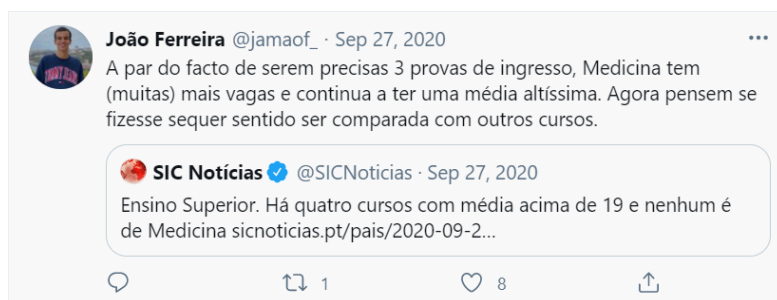


Figura 3: Tweet de @jamaof_, 27 setembro 2020⁵

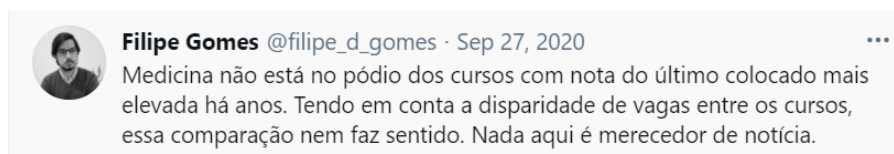


Figura 4: Tweet de @filipe_d_gomes, 27 setembro 2020⁶

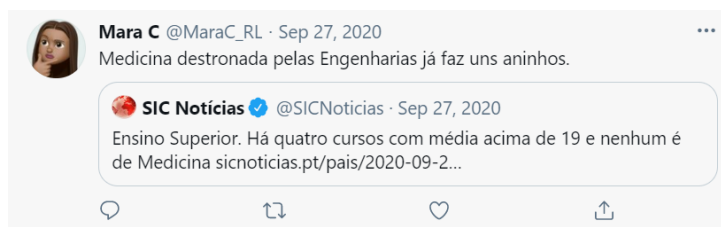


Figura 5: Tweet de @MaraC_RL, 27 setembro 2020⁷

Dos protestos, surgiu uma reflexão relativamente ao impacto que a cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior poderia ter na sociedade, contribuindo ou não para a degradação da perspetiva social da já exposta profissão médica. Surge assim a pergunta de partida para este estudo de caso – Qual a importância dada e o enquadramento feito ao curso de Medicina na cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior?

A questão desta investigação aborda a problemática do *framing*, considerando que “os enquadramentos jornalísticos (...) afetam a forma como os cidadãos interpretam vários problemas políticos” (Lecheler & De Vreese, 2019). A cobertura jornalística em temas de educação ganhou influência nas últimas décadas, “à medida que a educação emergiu como um dos assuntos políticos chave em todo o mundo” (Shine, 2018). Porém, “apesar do interesse crescente em notícias de educação, continua a ser uma área pouco investigada nos estudos de Media e jornalismo.” (Shine, 2019). A pertinência do presente estudo assenta na falta de material de investigação na matéria. Assim, procuramos estudar o ambiente da produção

⁵ Ferreira, J. [@jamaof_]. (2020, 27 setembro). A par do facto de serem precisas 3 provas de ingresso [Tweet]. Twitter. https://twitter.com/jamaof_/status/1310228851105189889?s=20

⁶ Gomes, F. [@filipe_d_gomes]. (2020, 27 setembro). Medicina não está no pódio dos cursos com nota do último colocado [Tweet]. Twitter. https://twitter.com/filipe_d_gomes/status/1310175168522788864?s=20

⁷ Mara C. [@MaraC_RL]. (2020, 27 setembro). Medicina destronada pelas Engenharias já faz uns aninhos [Tweet]. Twitter. https://twitter.com/MaraC_RL/status/1309999116332740608?s=20

jornalística no ingresso ao Ensino Superior, na tentativa de estabelecer uma eventual relação entre os artigos analisados e uma inclinação para, como corriqueiramente referido pelos estudantes, “caçar” o curso de Medicina.

Para isto, recorre-se a uma análise quantitativa dos artigos sobre o Ensino Superior dos últimos quatro anos (2017-2020), nas edições online do Jornal de Notícias e do Observador.

***Framing*: Enquadramento Noticioso**

Nas ciências da comunicação, “o *framing* é proeminente na comunicação de saúde, investigação em jornalismo e, em particular, na investigação de comunicação política” (Lecheler & De Vreese, 2019). O *framing*, ou enquadramento noticioso, passa por analisar os vários enquadramentos recebidos “através de inúmeras fontes, e transformá-los num enquadramento apropriado para a apresentação nas notícias” (Baden, 2019). Erving Goffman, sociólogo, é considerado “o pai fundador da investigação em *framing*” (Baden, 2019), e foi responsável por um trabalho crucial em qualquer investigação de *framing*. Goffman começa por instituir os enquadramentos como “dispositivos úteis para os seres humanos compreenderem o mundo em todo o tipo de situações quotidianas” (Lecheler & De Vreese, 2019).

Este conceito de *framing*, diretamente interligado à Teoria do Agenda-Setting, remete para a construção do agendamento noticioso, em que observamos a persistência mediática em assuntos específicos, criando maior destaque para os temas da agenda mediática, e, deste modo, transferindo-os para a agenda pública, influenciando aquilo em que as massas pensam. O enquadramento noticioso realizado confere aos *Media* o poder de influenciar as massas não só em “o que pensar, mas, igualmente, sobre como pensar, o que remete para o conceito de *framing*” (Scheufele D. A., 1999). Ao mesmo tempo, existe uma falta de consenso na definição desta teoria, o que leva alguns académicos a referirem-se ao *framing* como um “paradigma fraturado” (Entman, 1993).

[O *framing*] “é baseado na premissa de que a maneira como um assunto é caracterizado em matérias noticiosas pode ter uma influência na forma como é compreendido pela audiência” (Scheufele & Tewksbury, 2007).

O processo de construção do enquadramento noticioso refere-se “ao processo de competição, seleção e modificação de enquadramentos de elites e comunicadores estratégicos pelos *Media*” (Lecheler & De Vreese, 2019). Por derivar de um processo de deliberação e

seleção dos factos e informação, dos quais resultam um enquadramento positivo, negativo ou neutro (ou misto), o *framing* pode ser considerado uma estratégia tendenciosa.

“Functionally, a journalist frame forms a context for understanding, interpreting, and ultimately, expressing the facts of an issue” (D'Angelo & Shaw, 2018)

A especificidade dos temas abordados na maioria dos estudos de *framing* “dificulta a generalização, comparação e uso de provas empíricas para a construção de teorias” (Semetko & Valkenburg, 2000). Os últimos autores defendem que os enquadramentos genéricos mais identificados são de conflito, interesse humano, atribuição de responsabilidade, moral, e enquadramentos de consequências económicas. Independentemente da falta de unanimidade no que toca às dimensões do *framing*, “as práticas de enquadramento ocupam um lugar central na produção noticiosa” (Baden, 2019).

Os Media: Escritores da Opinião Pública

Na célebre obra “Public Opinion” (1922), Walter Lippmann descreve uma sociedade que habita um “pseudoambiente”. Em “The World Outside The Pictures in Our Heads”, o primeiro capítulo da obra, surge o conceito de *agenda-setting*, em que se demonstra a existência de uma relação inegável entre os *mass Media* e o que a sociedade capta e interpreta da informação que recebe desses mesmos meios. O Jornalismo surge como a ligação entre os indivíduos e o mundo exterior, gerando as mais diversas interpretações sobre estes fenómenos noticiosos. A imprensa escrita tem uma influência importante para a conduta humana, através de “métodos indutivos” dos *mass Media* junto da audiência e leitores. Mais tarde, em 1948, Lasswell comprova o facto de a opinião do público ser influenciada pelos meios de comunicação: “Ninguém está inteiramente fora deste mundo.” (Lasswell, 1948).

Citando Oscar Wilde, “a opinião pública é uma tentativa de organizar a ignorância da comunidade, e de elevá-la à dignidade da força física”. Os Media consagram-se como escritores da opinião pública, a partir do momento em que detêm as ferramentas para a influenciar: *gatekeeping*, *agenda-setting* e *framing*. Neste estudo, destaca-se o enquadramento, que, apesar de surgir naturalmente do processo de construção de conteúdo noticioso compreensível, dota os jornalistas de uma “função seletiva” (Lecheler & De Vreese, 2019).

Perfil Editorial dos Jornais

O perfil editorial das publicações esteve na base da seleção das mesmas. Tendo em conta que esta investigação passa por uma análise ao Jornalismo online, a primeira publicação selecionada foi o Observador, como uma das entidades principais do jornalismo digital generalista. Define-se como um “Jornal diário online, independente e livre.”⁸ Considerando a sua importância no meio digital por ser um jornal exclusivamente online, os conteúdos noticiosos são pensados para o consumo veloz e o imediatismo do mundo digital. Posteriormente, o Jornal de Notícias foi escolhido por ser um Jornal generalista “híbrido”, definindo-se como uma “Publicação periódica informativa e não doutrinária.”⁹ Vasco Ribeiro descreve o Jornal de Notícias “como um quotidiano omnibus, ou seja, insere-se numa categoria híbrida, a meio caminho entre a imprensa de referência e a imprensa popular” (Ribeiro, 2009). Também Reis e Lima (2013), numa investigação a quatro publicações portuguesas, mostraram que “O Correio da Manhã e Jornal de Notícias apresentam orientações editoriais mais próximas, com temáticas e estilos narrativos que tendem a suscitar a participação do público, ainda que o primeiro se aproxime mais do formato tabloide.” (Reis & Lima, 2013). Um dos fatores para a seleção do Jornal de Notícias foi também a não-existência de um estatuto de jornalismo de referência – que, por princípio, seria menos tendencioso e no qual se encontrariam enquadramentos standardizados e neutros. O JN tem também uma larga expressão no digital: no mês em análise do estudo [ano de 2012], “o JN estava no 7º lugar do ranking de visitas, e era o terceiro mais visitado dos quatro sites seleccionados, com mais de 7 milhões de visitas” (Reis & Lima, 2013).

Inicialmente, a investigação seria feita a três órgãos de comunicação diferentes: Observador, Jornal de Notícias e Público – por ser um jornal de referência. Porém, dois fatores contribuíram para a exclusão do Público do objeto de análise: primeiro, o jornal dá um foco extremamente alargado ao tema da educação, criando uma desproporção amostral relativamente aos outros jornais, que por sua vez representam de melhor forma o panorama jornalístico português; segundo, durante a recolha dos artigos para análise (novembro de 2020), um *bug* afetou a data de todos os artigos procurados, datando-os todos no ano de 2000. Este último fator acabou por ser determinante para a exclusão do Público da amostra.

⁸ Jornal de Notícias (n.d) Estatuto Editorial. Disponível em: <<https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>>

⁹ Observador (n.d) Estatuto Editorial. Disponível em: <<https://observador.pt/estatuto-editorial/>>

O Curso de Medicina

Para entender a matéria em análise, é necessário compreender a evolução do curso de Medicina no *ranking* do ingresso ao Ensino Superior. Doravante, entenda-se por “média” a nota do último colocado no curso que ocupa o primeiro lugar do *ranking* de Medicina.

Durante décadas, o curso da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto tinha a média mais elevada no panorama nacional. Em 2016, altera-se o *status quo*: a nota do último colocado, em comparação ao ano anterior, desce 2.7 décimas, e o curso de Medicina passa do primeiro para o quarto lugar no *ranking* nacional. Nos anos que se seguiram, até 2019, a nota do último colocado no curso de Medicina com média mais alta desceu continuamente e Medicina desceu sucessivamente no *ranking* nacional. 2018 foi um ano extremamente atípico no ingresso ao Ensino Superior, em que o curso que ocupava o primeiro lugar no *ranking*, devido a um único colocado com média próxima de vinte valores, pertencia à Universidade da Madeira. Nesse ano, Medicina encontrou-se pela primeira vez fora do *top 5*, ocupando a sétima posição no *ranking*. Esse foi também o ano em que a hegemonia da FMUP terminou, passando a ser o ICBAS, também no Porto, a ocupar a primeira posição no *ranking* dos cursos de Medicina em Portugal. Em 2019 e 2020, Medicina subiu para a quinta posição do *ranking* nacional, com subidas consecutivas na média do último colocado. Em suma, com a exceção de 2018, o curso de Medicina saiu do topo do ranking em 2015, e ocupou quatro anos a quarta ou quinta posição do *ranking* nacional.

	Ano	1ª Fase	2ª Fase	Ranking 1ª Fase
FMUP	2015	186,7	190,3	1
	2016	184,0	193,3	4
	2017	183,3	-	4
ICBAS	2018	182,2	189,0	7
	2019	185,0	193,7	5
	2020	189,88	-	5

Tabela 1: Nota do último colocado no curso de Medicina com média mais elevada (por ano). FONTE: DGES¹⁰

¹⁰ Disponível em: <<https://www.dges.gov.pt/guias/indcurso.asp>>

O primeiro lugar do *ranking* foi ocupado por Engenharia Aeroespacial, no Instituto Superior Técnico. Porém, é importante sublinhar que a comparação entre estas notas pode não ser justa, podendo induzir em erro um leitor desatento, na medida em que o número de vagas para cada curso não é igual. As 155 vagas para Medicina (no ICBAS, em 2019) são dificilmente comparáveis às 80 vagas para Engenharia Aeroespacial (no Técnico, no mesmo ano). Assim, se analisássemos o mesmo número de alunos, o 80.º colocado em Medicina poderia ter uma média superior ao último colocado em Engenharia Aeroespacial. É importante tomar esta discrepância em consideração, visto que as “médias” para cada curso acabam por criar uma ilusão de ótica, desconsiderando completamente o número de vagas que cada curso oferece.

Em entrevista pessoal a Francisco Frutuoso, estudante do quarto ano de Medicina (ICBAS), quando questionado relativamente ao foco do Jornalismo na média de Medicina, Francisco afirma que “há um enfoque muito grande”, que cria “uma pressão desnecessária.” Acusando as Universidades de só se preocuparem com as médias devido ao foco que o Jornalismo lhes dá, Francisco admite que a perceção social da profissão do médico “tem vindo a mudar um bocado, e [os jornalistas] ainda se seguram bastante a uma visão que é apenas o passado.” O futuro médico acredita que a profissão médica sofre um escrutínio público muito grande, que “não vai mudar assim tão cedo”, porque “toda a gente acaba por aceder aos sistemas de saúde” e ter interesse na Medicina. “Para além disso, a profissão médica ainda é vista como algo muito elitista.” Tendo ingressado no curso em 2017, Francisco Frutuoso conta que ainda entrou num ano em que “só se falava das médias e no curso de Medicina como sendo o principal”, tendo sentido no ano de 2020 uma grande mudança na conversa, a “focar-se mais na vocação e não nas altas médias.”

“Os *Media* e essas peças jornalísticas estão a aproximar-se daquilo que é a realidade no sentido em que a profissão médica está a ser degradada e só estão agora a chegar a essa conclusão por causa do agravamento de problemas [no sistema de saúde], que já existem há muito tempo. Porém, acho um exagero – é um problema que sempre aconteceu, mas só agora é que as pessoas estão a perceber que já não é a mina de ouro que se pintava em anos anteriores”, refere Francisco Frutuoso.

Na leitura exploratória das notícias passíveis de análise, destacam-se de seguida algumas das notícias mencionadas pelos estudantes de Medicina no Twitter.

ENSINO SUPERIOR

Medicina fora do top 5 das médias mais altas pela primeira vez

Quebra no número de colocados foi menor do que o expectável, face à redução que tinha havido no número de candidatos. Quase 90% dos alunos encontram curso na 1.ª fase.

Samuel Silva - 9 de Setembro de 2018, 0:00

3834 PARTILHAS   

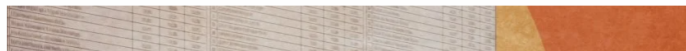


Figura 6: Público, 9 de setembro 2018¹¹

Premium Há quatro anos que o curso de Medicina não tem a nota mais alta de acesso à universidade

A capacidade dos cursos de Medicina para atrair os estudantes com médias mais elevadas está a diminuir por causa da degradação da carreira médica, que não consegue garantir um emprego seguro, e por uma crescente valorização das áreas ligadas às engenharias de ponta, dizem o reitor da Universidade do Porto e o presidente da Escola de Medicina da Universidade do Minho.

Figura 7: Diário de Notícias, 11 de setembro 2019¹²

SOCIEDADE 8 de setembro 2019

Ensino Superior. Medicina já não é o que era, há mais estrangeiros e politécnicos ganham terreno

Arranca amanhã a segunda fase de acesso ao ensino superior, com 6734 vagas por preencher - a maioria são fora das grandes cidades. Saiba tudo sobre os resultados desta primeira fase

Figura 8: Sol, 8 de setembro 2019¹³

PAÍS

Ensino Superior. Há quatro cursos com média acima de 19 e nenhum é de Medicina



Figura 9: Sic Notícias, 27 de setembro 2020¹⁴

¹¹ Silva, S. (2018, 9 setembro) Medicina fora do top 5 das médias mais altas pela primeira vez. *Público* <https://www.publico.pt/2018/09/09/sociedade/noticia/entradas-no-ensino-superior-baixam-depois-de-quatro-anos-a-crescer-1843479>

¹² Correia, J. A. (2019, 11 setembro) Há quatro anos que o curso de Medicina não tem a nota mais alta de acesso à universidade. *Diário de Notícias* <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/11-set-2019/ha-quatro-anos-que-o-curso-de-medicina-nao-tem-a-nota-mais-alta-de-acesso-a-universidade-11286435.html>

¹³ Santos, C. D. (2019, 8 setembro) Ensino Superior. Medicina já não é o que era, há mais estrangeiros e politécnicos ganham terreno. *Sol* <https://sol.sapo.pt/artigo/670511/ensino-superior-medicina-ja-nao-e-o-que-era-ha-mais-estrangeiros-e-politecnicos-ganham-terreno>

¹⁴ SIC Notícias (2020, 27 setembro) Ensino Superior. Há quatro cursos com média acima de 19 e nenhum é de Medicina. *SIC Notícias* <https://sicnoticias.pt/pais/2020-09-27-Ensino-Superior.-Ha-quatro-cursos-com-media-acima-de-19-e-nenhum-e-de-Medicina>

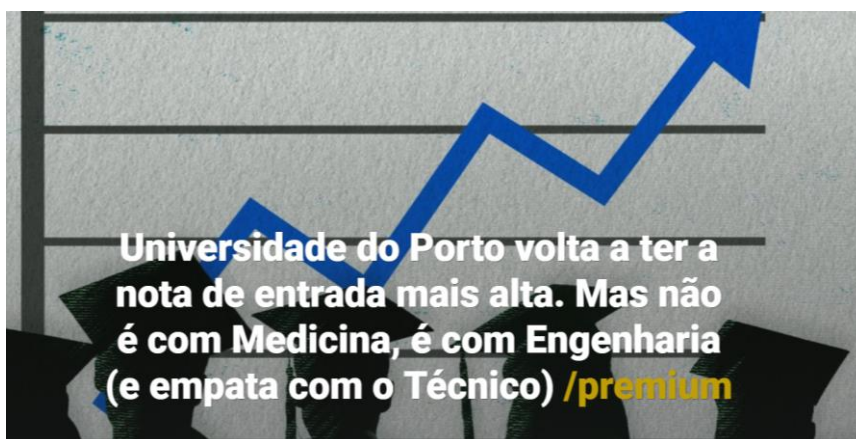


Figura 10: Observador, 27 de setembro 2020¹⁵

Metodologia

Para a análise comparativa, foram selecionadas as versões online de dois jornais generalistas, o Jornal de Notícias e o Observador, pelas razões supracitadas. Considerando o perfil editorial das publicações selecionadas e a revisão bibliográfica, o momento de reflexão sobre a pergunta de partida culminou, numa lógica hipotético-dedutiva, em três hipóteses distintas.

Pergunta de Partida: Qual a importância dada e o enquadramento feito ao curso de Medicina na cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior?

H1: Nos artigos relativos ao ingresso no Ensino Superior, mais de 20% dos artigos mencionam o curso de Medicina.

A primeira hipótese resulta de uma observação prévia e consumo noticioso próprio, que nos levou à perceção ou impressão de uma presença razoável/constante do curso de Medicina nas notícias sobre o ingresso ao Ensino Superior. Assim, a percentagem de 20% foi definida puramente com base numa expectativa prévia.

H2: Nos artigos que mencionam o curso de Medicina, o *framing* da cobertura jornalística é maioritariamente negativo no jornal Observador.

Esta segunda hipótese assenta, uma vez mais, numa perceção pessoal dos enquadramentos típicos dos órgãos de comunicação social, baseada em consumo noticioso próprio e na leitura exploratória sobre o tema e notícias mencionadas pelos estudantes no Twitter.

H3: Quando são realizados artigos de perfil sobre os melhores alunos, mesmo que o aluno em questão tenha escolhido outro curso, o curso de Medicina é mencionado.

Na definição da amostra, uma falha na ordem cronológica dos artigos do Jornal de

¹⁵ Kotowicz, A. (2020, 27 setembro) Universidade do Porto volta a ter a nota de entrada mais alta. Mas não é com Medicina, é com Engenharia (e empata com o Técnico). *Observador* <https://observador.pt/especiais/universidade-do-porto-volta-a-ter-a-nota-de-entrada-mais-alta-mas-nao-e-com-medicina-e-com-engenharia-e-empata-com-o-tecnico/>

Notícias limitou a pesquisa dos artigos a um motor de busca. Através de pesquisas avançadas no Google, conjugando as datas de análise com as expressões “[Nome Jornal] ensino superior”, “[Nome Jornal] ingresso ensino superior” e “[Nome Jornal] medicina”, foram recolhidas todas as notícias sobre o Ensino Superior, datadas entre setembro e novembro, para englobar as três fases de candidatura ao Ensino Superior, de 2017 a 2020. Esta recolha resultou em 62 artigos do Observador e 26 do Jornal de Notícias. Posteriormente, os artigos foram filtrados, sendo tomados em conta para a análise de conteúdo apenas aqueles relativos ao ingresso no Ensino Superior. Assim, a amostra final é de 50 artigos – 27 no Observador e 23 no Jornal de Notícias. No que toca ao corpus de análise, as limitações de pesquisa resultaram numa dimensão moderada de artigos analisados, mas que em nada compromete a viabilidade da investigação. A amostra circunscrita apenas impede grandes ilações ou criação de teorias que comprovem a tal “caça” à média de Medicina, mantendo-se viáveis e realistas as hipóteses definidas e o modelo de análise. Uma abordagem específica “ao estudo de enquadramentos noticiosos permite um nível profundo de especificidade a detalhes relevantes do evento ou problemática em investigação” (Lecheler & De Vreese, 2019).

Na construção do Modelo de Análise, sugerido por Quivy & Campenhoudt (2005), é importante definir alguns conceitos-chave, derivados da pergunta de partida e das três hipóteses: curso de Medicina, cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior, “importância dada”, artigo de perfil e enquadramento. Em 2019 e 2020, ano em que conseguiu aprovação, a Universidade Católica lutou pela implementação de um curso de Medicina no ensino privado. Por ser fora do tema, mas ter criado bastante conteúdo noticioso, é importante esclarecer que, neste estudo, “Curso de Medicina” deve ser entendido apenas como qualquer curso superior de Medicina na dimensão do Ensino Público. Quanto à cobertura jornalística, entendemos como relevante qualquer artigo ou conteúdo produzido pelo Observador e Jornal de Notícias, sejam notícias, vídeos, noticiários de rádio, retratos de alunos, entre outros, desde que se enquadrem no tema em análise.

A importância dada ao curso de Medicina na cobertura jornalística é provavelmente a variável mais importante neste estudo de caso, sendo definida numericamente como a taxa de artigos relativos ao ingresso ao Ensino Superior que mencionam o curso de Medicina, sobre o número total de artigos sobre o ingresso ao Ensino Superior. Quanto ao artigo de perfil: muitas vezes, nos meses da amostra, são feitas peças jornalísticas sobre os alunos com melhores notas e médias próximas ou iguais a vinte valores. Neste caso, estes artigos servirão para denotar o foco dado a Medicina, porque a terceira hipótese defende que neste tipo de artigos, mesmo que o aluno em questão não tenha escolhido Medicina, o curso é mencionado na mesma.

Por fim, quanto à variável do enquadramento, foram definidos três tipos de *framing*:

neutro, positivo e negativo, que remetem para a representação dada ao curso de Medicina nos artigos em análise. Na definição dos vários enquadramentos possíveis, e assumindo a não existência de *framings* alternativos, em primeiro lugar, um “enquadramento noticioso deve ter características conceituais e linguísticas identificáveis” (Lecheler & De Vreese, 2019). Em segundo lugar, Lecheler e De Vreese defendem que um enquadramento noticioso só pode ser identificado se for comumente observável na prática jornalística. Em terceiro e último lugar, os enquadramentos em análise devem ser mutuamente exclusivos, “devendo ser possível distinguir um enquadramento dos outros” (Lecheler & De Vreese, 2019).

O enquadramento positivo passa pela valorização do curso de Medicina ou da profissão médica em si, ignorando ou não expondo uma descida nas médias. Por sua vez, um *framing* neutro é entendido como objetivo e imparcial, considerando a média do último colocado como um número que deve ser apresentado, mas sem estabelecer juízos de valor sobre o curso ou estabelecer algum tipo de comparação ou alusão a Engenharia. Por último, um enquadramento negativo pode incidir numa forte menção à descida de Medicina no *ranking* nacional, ou estabelecer comparações de índole subjetiva ou negativa. Para além destes, a criação de “rivalidades” para favorecer a narrativa é também um fator indicador de um *framing* negativo.

Dimensões do Enquadramento	Negativo	Neutro	Positivo
Valorização	Valorização de Engenharia em detrimento de Medicina ou Desvalorização de Medicina	Apresentação da posição dos dois cursos sem tomada de posições	Valorização do curso de Medicina/profissão médica
Impacto	Aborda de forma negativa a descida da média de Medicina	Apresenta a média de Medicina de forma objetiva	Indica a média de Medicina sem expor uma descida
Comparação	Estabelece uma comparação direta entre Medicina e Engenharia	Aborda um/os dois cursos de forma imparcial	Menciona a “ilusão de ótica” do número de vagas em cada curso

Tabela 2: Dimensões do enquadramento noticioso (elaboração própria)

Nesta investigação, a existência de “*catchphrases*”¹⁶ é um dos fatores principais para a atribuição de certo enquadramento a cada artigo analisado, visto que “os enquadramentos noticiosos podem ser examinados e identificados pela presença ou ausência de certas palavras-chave” ou ‘stock-phrases’ (Lecheler & De Vreese, 2019).

Neste caso, as principais *catchphrases* que denotam um enquadramento negativo são, por exemplo: “Muda a tendência”; “Os bons alunos já não vão para Medicina”; “Engenharia destrona Medicina”; “Medicina já não é número um”; “Medicina perde terreno”; “Engenharia ultrapassa Medicina”.

Na recolha de dados, para além da recolha noticiosa, foram realizados dois inquéritos por entrevista, a uma jornalista da editoria de educação do Observador, e a um estudante de Medicina no ICBAS, Porto. Estas entrevistas seriam preponderantes na tentativa de compreender se podemos afirmar a existência de uma “caça à média de Medicina”. Foi utilizada como técnica a análise de conteúdo, numa perspetiva quantitativa. Podem existir certas limitações: as abordagens dedutivas e quantitativas garantem medidas rigorosas, apesar de “permanecerem limitadas na sua habilidade de capturar nuances importantes e detetar enquadramentos não antecipados” (Baden, 2019).

As variáveis analisadas foram: peso das notícias (derivado da importância dada a Medicina); jornalista responsável pelos artigos (pressupondo que, se houver um jornalista que escreve a maior parte dos artigos, será mais fácil apontar um padrão, derivado da repetição do autor. “Se o jornalista aplicar principalmente enquadramentos que estão em consonância com as suas visões (*frame setting*)” (Brüggemann, 2014), a visão social do problema será limitada, ficando reduzida e dominada pela cobertura do jornalista em questão); género jornalístico (tem de ser tomado em consideração, pressupondo que artigos de opinião são mais passíveis de concretizar enquadramentos não neutros), menção “Engenharia VS. Medicina” (variável binomial, indicadora da expressão da rivalidade entre os dois cursos) e, por fim, a localização no artigo. Visto a análise ser feita à importância dada ao curso de Medicina, é relevante analisar também onde se encontra a menção ao curso no decorrer do artigo, definindo três opções que não são mutuamente exclusivas (título, *lead* e corpo do texto da notícia).

Foram desenvolvidas grelhas de análise com todas estas variáveis, em que foram analisadas exaustivamente as cinquenta notícias selecionadas para a amostra final. Das grelhas de análise resultam gráficos comparativos entre os diferentes jornais, ao longo dos vários anos analisados.

¹⁶ O Dicionário de Cambridge define *catchphrase* como “uma frase que é frequentemente repetida e se torna associada a uma organização ou pessoa em particular, especialmente alguém famoso, como uma personalidade televisiva”. Neste caso, referimo-nos a expressões “típicas” e identificáveis nas notícias, de carácter pejorativo. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/catchphrase>>

Análise de Dados

Ao analisar o peso do curso de Medicina nas notícias produzidas, não é perceptível um padrão claro entre os vários anos, em ambos jornais. Tomando as notícias sobre o ingresso ao Ensino Superior (setembro a novembro, 2017-2020) pelo todo, no Observador, 41% das notícias (11) mencionam Medicina. No Jornal de Notícias, o valor é 43% (10 artigos). Estes valores são extremamente próximos e representam quase metade da produção noticiosa do ingresso ao Ensino Superior, pelo que é fácil induzir uma forte presença de Medicina nesta cobertura jornalística. Os vinte e um artigos que mencionavam Medicina foram depois analisados à luz dos *framings* definidos.

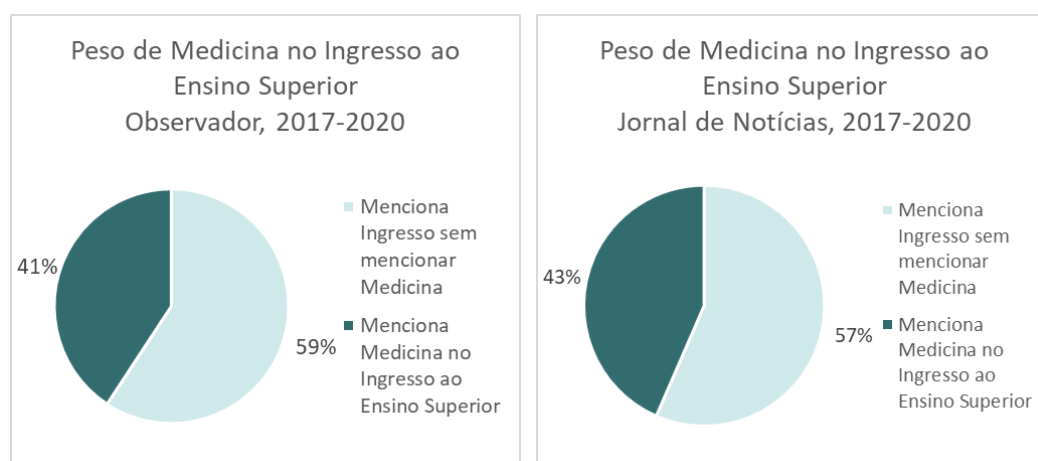


Gráfico 1: Comparação do peso de Medicina no ingresso ao Ensino Superior no Observador e Jornal de Notícias (2017-2020) (elaboração própria)

Ao analisar os jornalistas responsáveis pelos artigos em análise, quase todos os artigos são escritos por profissionais diferentes, com três exceções: no Jornal de Notícias, a jornalista Alexandra Inácio e a jornalista Joana Amorim escreveram, respetivamente, dois e três artigos; no Observador, surge Ana Kotowicz, jornalista da editoria de educação, responsável por cinco dos artigos analisados. Devido a este peso relevante na produção noticiosa, a jornalista Ana Kotowicz foi escolhida para uma entrevista sobre esta investigação. Uma forma de compreender a importância dada ao curso de Medicina é também a localização da menção ao curso no artigo. No caso do Jornal de Notícias, Medicina conquista apenas um título e dois *leads*, aparecendo as oito vezes restantes apenas no corpo do texto, sem grande destaque. No caso do Observador, porém, em apenas onze artigos, o curso protagoniza cinco títulos e seis *leads*, sendo que apenas em quatro artigos aparece unicamente no corpo da notícia.

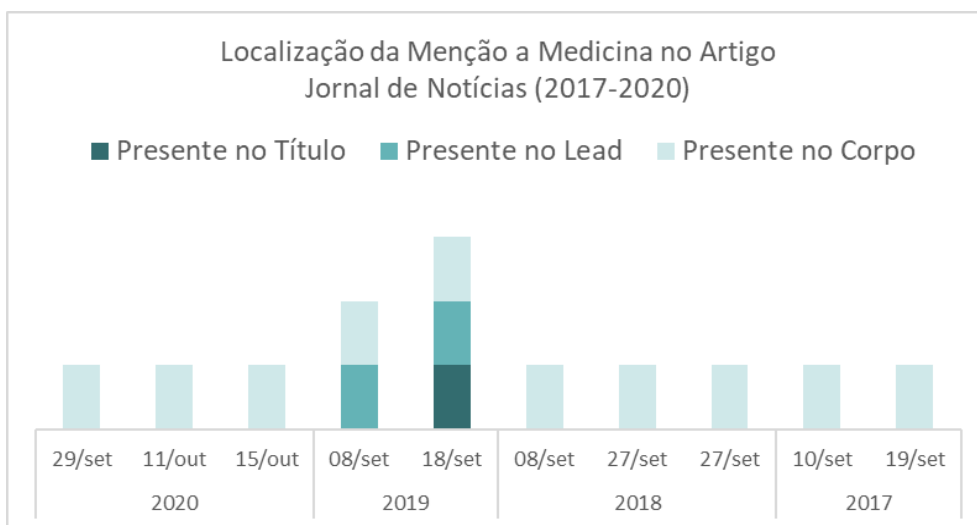


Gráfico 2: Localização da menção ao curso de Medicina no Artigo, Jornal de Notícias (2017-2020)
(autoria própria)

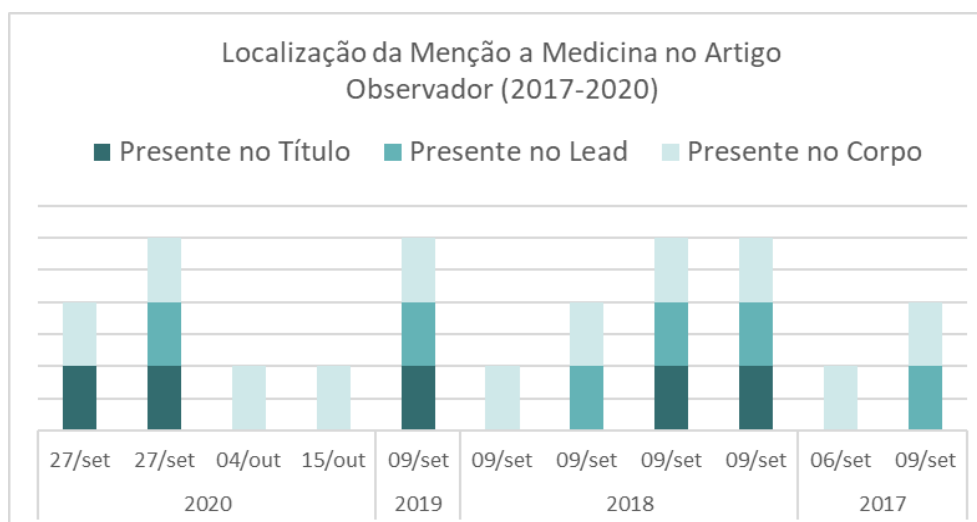


Gráfico 3: Localização da menção ao curso de Medicina no Artigo, Jornal Observador (2017-2020)
(autoria própria)

Estes valores estão diretamente relacionados com o foco dado a Medicina na cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior: em sete de onze artigos (Observador), Medicina é mencionada nos locais de maior destaque da notícia.

No Jornal de Notícias, apesar de 43% das notícias sobre o ingresso ao Ensino Superior mencionarem Medicina, apenas duas têm *framing* negativo, com *framing* neutro nos restantes oito artigos. Isto deve-se a uma indicação objetiva e imparcial da nota do último colocado de Medicina, sem utilizar expressões comparativas ou pejorativas (catchphrases).

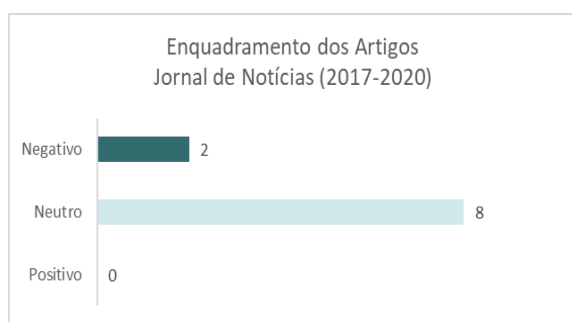


Gráfico 4: Framing, Jornal de Notícias (elaboração própria)

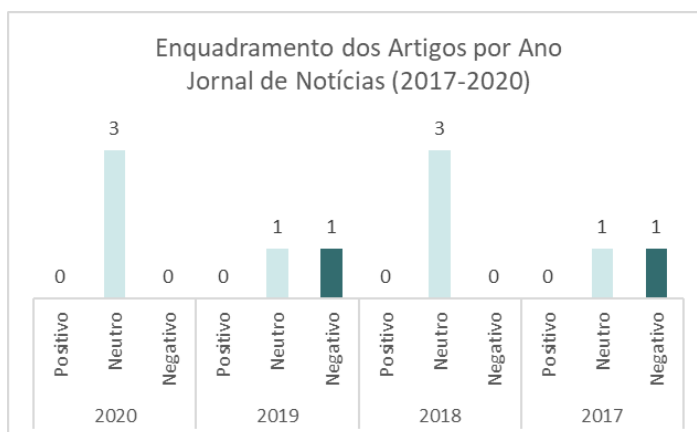


Gráfico 5: Distribuição de enquadramentos por ano, Jornal de Notícias (elaboração própria)

No Observador, os dados da análise são completamente opostos. Apesar de existir um artigo com *framing* positivo (exatamente sobre a ilusão de escala nas análises às médias dos últimos colocados), nas restantes dez notícias, sete têm um enquadramento negativo.

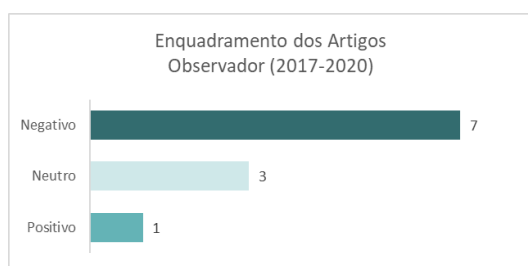


Gráfico 6: Framing, Jornal Observador (elaboração própria)

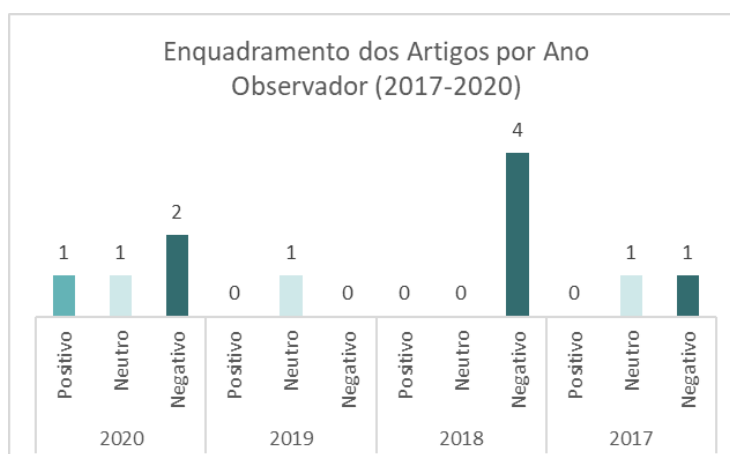


Gráfico 7: Distribuição de enquadramentos por ano, Jornal Observador (elaboração própria)

São de destacar as seguintes expressões: “Engenharia destrona Medicina” (título); “Medicina já não é o que era” (*lead*); “Universidade do Porto volta a ter nota de entrada mais alta. Mas não é com Medicina” (título); “Engenharia soma e segue, Medicina cai no ranking” (título). Esta série de expressões, utilizadas repetidamente em vários artigos, ocupando grandes títulos e marcando as primeiras frases de alguns *leads*, mostram claramente o foco do Observador no curso de Medicina. Os artigos são pautados de expressões pejorativas e estabelecem constantemente a comparação entre Engenharia e Medicina, mencionando sempre a degradação do curso (“já não é o que era”), ou utilizando a palavra “destronar.” Curiosamente, por fim, ao analisar a menção às Engenharias – para as comparar com Medicina – os dois Jornais tiveram números praticamente inversos. No Jornal de Notícias, apenas 30% dos artigos fomenta a rivalidade entre os cursos, estabelecendo uma comparação direta entre os dois, enquanto 70% dos artigos apresentam os dois cursos de forma separada. Por outro lado, no Observador, os resultados são opostos: 64% dos artigos fazem a menção “Engenharia VS. Medicina”, e apenas 36% dos artigos são imparciais. A grelha de análise desenvolvida e os gráficos resultantes mostram claramente os padrões praticamente opostos dos dois jornais.

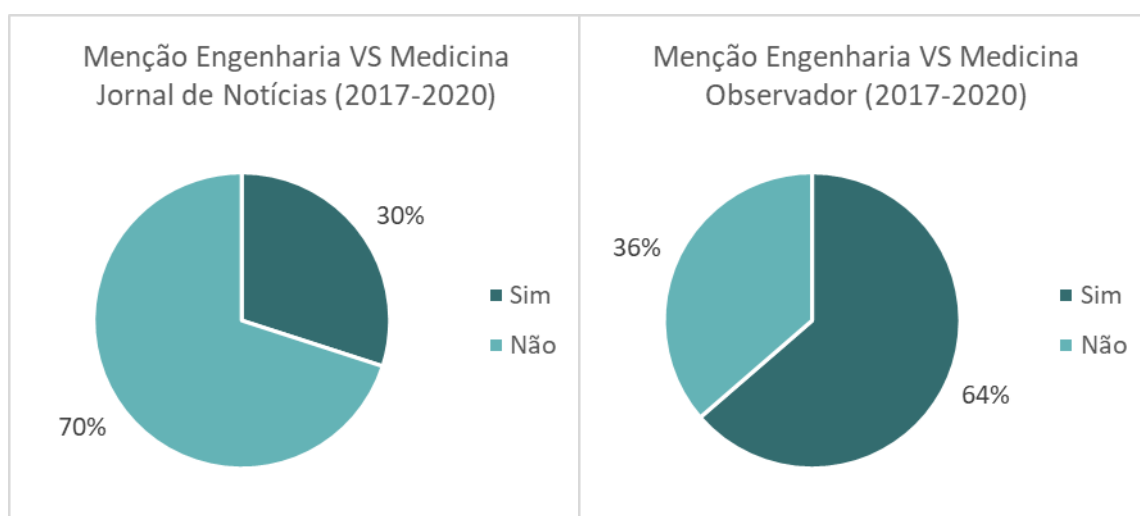


Gráfico 8: Comparação da menção “Engenharia VS Medicina” no ingresso ao Ensino Superior no Observador e Jornal de Notícias (2017-2020) (elaboração própria)

Apesar de ambas as publicações mencionarem Medicina com a mesma frequência (41% e 43% dos artigos), nos artigos que mencionam o curso, têm percentagens opostas no que toca a enquadramentos negativos e expressões pejorativas que potenciem a rivalidade de

Medicina e Engenharia. Assim, pode ser afirmado que a “caça à média de Medicina”, caso exista, será mais predominante no Jornal Observador. Apesar de o Jornal de Notícias mencionar o curso praticamente num igual número de vezes, fá-lo de forma neutra e objetiva. Sendo que a maior parte das expressões negativas utilizadas no Observador correspondem aos artigos da jornalista Ana Kotowicz, consideramos que a entrevista será crucial neste estudo de caso, de forma a compreender as intenções desta cobertura jornalística.

Apontamento de Causas

Depois da análise do conteúdo dos artigos, poderia haver uma precipitação para atribuir conclusões aos números obtidos, mas a entrevista com a jornalista Ana Kotowicz, responsável pela maioria dos artigos do Observador, revelou o impacto escondido que as “muletas de escrita” podem ter na cobertura jornalística.

Durante a entrevista, antes sequer de tocar no tema, a jornalista mencionou o curso de Medicina, ao desenvolver o seu entusiasmo pelo Jornalismo de educação. “Por exemplo, durante muitos anos – e pensando em cursos – tínhamos os bons alunos todos a ir para Medicina, e de repente já não eram, eram os de Engenharias. Este ano, por exemplo, tivemos a pandemia, que também trocou as voltas todas com a subida das médias. Todos os anos, surge algo diferente dos outros.”

Quando questionada relativamente aos problemas da profissão médica, Ana Kotowicz “não diria que a profissão médica está degradada, até porque continua a beneficiar de um certo *status* social”. “Se calhar, já não é tão apetecível quanto era há uns anos ser-se médico. Ou porque a realidade está mais espelhada no foro público. Por exemplo, na comunicação social, temos mais trabalhos a falar sobre o que é ser médico e os problemas que existem, e, por outro lado, em termos financeiros, também já não é o que era”, refere Kotowicz, acrescentando: “Atualmente, nas Engenharias, temos profissões extremamente bem remuneradas, por isso acredito que seja um misto dos dois fatores. Normalmente as coisas acontecem por uma sucessão de eventos, e acho que está tudo interligado.” A jornalista afirma que são ainda poucos anos para se estabelecer um padrão, considerando quanto tempo Medicina esteve em primeiro lugar, período em que “havia uma tendência clara de qual era o curso que estava acima dos outros em termos de médias”. “Portanto, pela primeira vez que Medicina é destronada, pode-se pensar que é um ‘erro’, um percalço desse ano. Ao segundo ano, ficamos na dúvida. Por isso, só a partir de cinco ou seis anos é que podemos afirmar que há uma tendência e as duas realidades começarem a descolar-se”, refere Kotowicz, para quem “é normal que haja sempre essa comparação”. “Aqui acho que não seja tanto pelo lado

negativo, é mais pelo lado da surpresa de Engenharia ultrapassar a Medicina. Não é por Medicina ter baixado a média, mas por Engenharia ter chegado ao primeiro lugar. Acho que isso é que é mais interessante”, sublinha. Depois de apresentar várias razões possíveis para estas oscilações de Medicina no *ranking*, Ana Kotowicz admite ficar impressionada com os números resultantes desta investigação, e desmarca-se de escrever qualquer enquadramento negativo propositadamente. “Isto é mesmo muito engraçado, porque uma pessoa nunca pensa nisto quando está a escrever. Nunca encarei Medicina e Engenharia como uma rivalidade, até porque acho que os perfis dos alunos que vão para essas áreas são completamente diferentes. Durante muitos anos, vinte e dois anos de Jornalismo em Portugal, a Medicina sempre foi um marco. Ou seja, dizer ‘a nota mais alta foi Medicina, na Abel Salazar’ era normal – era banal. E, de repente, isso deixou de acontecer”, refere a jornalista. “Portanto, acho que há sempre uma tentativa de estabelecer uma comparação para tornar a informação mais perceptível. É como quando convertemos hectares em campos de futebol, porque as pessoas não têm uma visão daquilo que é um hectare. Nunca foi ideia minha criar uma “rivalidade” entre as duas áreas”, acrescenta.

Numa pergunta simples de sim ou não, relativamente à existência de uma “caça” à média de Medicina, Ana Kotowicz é direta: “Não.” Francisco Frutuoso, por outro lado, defende a sua posição: “Eu quero muito acreditar no Jornalismo, mas as notícias falam por si.” No final da entrevista, Ana Kotowicz repete que tudo vai dar ao tema da observação de padrões. Mesmo que os enquadramentos feitos tenham sido um processo subconsciente, nunca foi com a intenção de criar uma rivalidade ou “caçar” Medicina. Ana afirma que, quando escreve, pensa no público em geral, não nos alunos de Medicina ou nos alunos de Engenharia, e que nem se apercebia que podia estar a criar esta rivalidade: “Quando escrevo sobre a Presidência da República, tenho sempre aquele que é eleito com maior percentagem de votos. Da mesma forma que o Cristiano Ronaldo está a tentar chegar aos golos do Pelé. Há sempre um marco, algo que nos serve de muleta para escrevermos. Se calhar, sem ter dado conta, posso ter usado essa muleta para falar de Engenharia.”

Conclusão

A aplicação do modelo de análise construído permitiu chegar a vários resultados relacionados com a pergunta de partida, as hipóteses formuladas e, conseqüentemente o objetivo final do estudo: perceber se existe uma “caça à média de Medicina”, baseada numa cobertura jornalística de perseguição e enquadramentos negativos, como acusavam os estudantes de Medicina do Porto. A primeira hipótese, “nos artigos relativos ao ingresso no Ensino Superior,

mais de 20% dos artigos mencionam o curso de Medicina”, através da grelha de análise, fica potencialmente comprovada, sendo importante lembrar as limitações amostrais. Esta hipótese é verdadeira em ambos os Jornais, com 41% no Observador e 43% no Jornal de Notícias, mais do que o dobro do valor especulado na hipótese. Estes valores mostram que existe uma grande presença do curso de Medicina na cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior. Quanto à segunda hipótese, “nos artigos que mencionam o curso de Medicina, o *framing* da cobertura jornalística é maioritariamente negativo no Jornal Observador”, o estudo mostra que esta pode também ser verdadeira. Neste caso, o órgão de comunicação com enquadramento maioritariamente negativo verifica-se: Observador (sete artigos negativos, três neutros e um positivo), em oposição ao maioritariamente neutro Jornal de Notícias (dois *framings* negativos e oito neutros). Esta análise de *framing* fez perceber que o Jornal de Notícias retratou o curso de Medicina de forma mais objetiva e imparcial, ao contrário do Observador, que, mesmo tendo resultado de um processo de escrita subconsciente, revela expressões pejorativas para o curso e estabelece relações de rivalidade com Engenharia.

Por fim, surge a terceira hipótese: “Quando são realizados artigos de perfil sobre os melhores alunos, mesmo que o aluno em questão tenha escolhido outro curso, o curso de Medicina é mencionado.” Não é possível realizar uma comparação entre as duas publicações, visto que o Jornal de Notícias foi o único a escrever artigos de perfil – no caso, três. O primeiro artigo, intitulado “Alunos que ‘rebentam a escala’ a entrar nas faculdades”, fala sobre uma série de alunos, entre os quais um, Carlos, escolheu Medicina. O segundo artigo, “As mentes brilhantes que entraram na Universidade do Porto com 20”, repete a história em maior detalhe, voltando a destacar Carlos, que escolheu Medicina, pelo que o curso seria inevitavelmente mencionado. É apenas no terceiro artigo que a terceira hipótese do trabalho se pode testar: “Melhor aluno do Minho: Segui o coração em vez do dinheiro.” Este artigo apresenta Pedro Cruz, um jovem de dezoito anos com média de 19,88 valores e que escolheu História. No primeiro parágrafo do texto, lê-se: “O aluno com a nota de acesso mais alta a entrar este ano na academia minhota não escolheu Medicina, nem Engenharia, nem Direito.” Não se nota qualquer tipo de tendência pejorativa na frase, estando apenas a enumerar os cursos com notas de entrada mais altas, pelo que o sentido da mesma é facilmente compreensível. Não deixa de mencionar Medicina, mas por ser um único caso isolado, sem possibilidade de comparação com o outro órgão de comunicação social, não podemos afirmar, devido às limitações na quantidade de exemplos, que se comprova a terceira e última hipótese desta investigação.

Dada por concluída a investigação, comprovando duas das três hipóteses propostas, consideramos que este trabalho poderia iniciar uma conversa aberta sobre a cobertura jornalística do ingresso ao Ensino Superior. Esta investigação abre caminho para estudos mais

aprofundados, com amostras maiores e englobando outros jornais, como o mencionado Público, que dá grande enfoque à educação. Com uma amostra mais alargada e diferentes modelos de análise, talvez fosse possível apurar padrões na agenda mediática para o Ensino Superior. No caso em análise, nas palavras do entrevistado Francisco Frutuoso, “não há de todo rivalidade, [Medicina e Engenharia] são ramos completamente opostos”. “E o Jornalismo insistir nisso, a célebre expressão ‘Engenharia destrona Medicina’, é errado. Acho que até tem mais impacto no Secundário. Se calhar nunca tinha ponderado Medicina, mas por ter boas notas e ver a ‘luta constante’ nas notícias, posso ter sido obrigado a pensar que é uma opção – e isso tem piorado para os alunos do Ensino Secundário, ao longo dos anos”, acrescenta.

Para quem trabalha com números, como é o caso de Ana Kotowicz, pode ser difícil estabelecer comparações e retirar conclusões sem utilizar as mencionadas “muletas de escrita”, com base nos padrões dos últimos anos, mas um jornalista deve sempre medir e tentar compreender o impacto dos enquadramentos noticiosos que produz. Nas palavras de Albert Einstein, o enquadramento de um problema é muitas vezes mais essencial do que a sua solução.

Bibliografia

Baden, C. (2019). Framing the News. In K. W. -Jorgensen, & T. Hanitzsch (Ed.), *The Handbook of Journalism Studies* (2nd ed., pp. 229-245). Routledge.

Brüggemann, M. (2014). Between frame setting and frame sending: How journalists contribute to news frames. *Communication Theory*, 24(1), 61-82. <https://doi.org/10.1111/comt.12027>

D'Angelo, P., & Shaw, D. (2018). 11. Journalism as Framing. In T. Vos (Ed.), *Journalism* (pp. 205-234). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781501500084-011>

Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: an essay on organization of experience* (2 ed.). Harvard University Press.

Langbecker, A., Castellanos, M., & Catalán-Matamoros, D. (2020). Quando os sistemas públicos de saúde são notícia: uma análise comparativa da cobertura jornalista no Brasil e na Espanha. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(11), 4281-4292. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.22532018>

Lasswell, H. D. (1948). The structure and function of communication in society. In L. Bryson (Ed.), *The Communication of Ideas*. The Institute for Religious and Social Studies.

Lecheler, S., & De Vreese, C. H. (2019). *News framing effects: Theory and practice*. Taylor & Francis.

Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. The Macmillan Co.

Marinescu, V., & Mitu, B. (2016). *The power of the media in health communication*. Routledge.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Reis, A. I., & Lima, H. (2013). Critérios editoriais e comentários do público nos sites de quatro diários portugueses. In A. L. Ureta & K. M. Ayerdi, *V Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0: Audiencias activas y periodismo* (pp. 695-708).

<http://hdl.handle.net/10810/15609>

Ribeiro, V. (2009). *Fontes Sofisticadas de Informação - Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1990 a 2005* (1ª ed.). Editoria Media XXI.

Scheufele, D. A. (1999). Framing as a theory of media effects. *Journal of Communication*, 49(1), 103-122. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x>

Scheufele, D., & Tewksbury, D. (2007). Framing, agenda setting, and priming: The evolution of three media effects models. *Journal of Communication*, 57(1), 9-20.

Shine, K. (2018). Reporting education: How can we do it better? *Asia Pacific Media Educator*, 28(2), 223-236. <https://doi.org/10.1177/1326365X18805330>

Shine, K. (2019). Education Coverage. In T. P. Vos., & F. Hanusch, *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. Wiley Blackwell.

<https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0206>

Sousa, R. (2017). *O papel do Médico na visão da sociedade do século XXI: o que realmente importa ao paciente?* Visão Académica.

Traquina, N. (2001). *O Jornalismo Português em análise de casos*. Editorial Caminho.